(IN)SUCESSO ESCOLAR E MEDICALIZAÇÃO: HISTORICIDADE E ALTERNATIVAS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Ana Paula da Silva Siqueira[1], Maria do Carmo Gonçalves da Silva Lima[2]

[1]Psicóloga, mestre em Tecnologias Limpas. contatopsianasiqueira@gmail.com
[2]Pedagoga, mestre em Educação. mcgs.lima@hotmail.com

RESUMO

O trabalho apresenta uma análise crítica da história da concepção do fracasso escolar e da medicalização. A pesquisa histórica revela que as ideias atualmente em vigor sobre a concepção do fracasso escolar é resultado do processo histórico de desenvolvimento da sociedade no molde capitalista de produção, sendo que, esta concepção, está intrinsicamente relacionada ao processo de medicalização da educação. A partir da análise crítica baseada na Psicologia Histórico-cultural pode-se concluir que a medicalização não contribui para o processo educacional, e que, a alternativa recai sobre um processo adequado e sistematizado da educação, pois é por meio desta que se torna possível o desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Educação; Psicologia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de analisar criticamente o crescente processo de medicalização da vida cotidiana e suas expressões no âmbito da educação escolar à luz da Psicologia Histórico-cultural.

O fenômeno da medicalização é definido por Suzuki, Leonardo e Leal (2017, p. 44), como:

> [...] um processo em que se atribui a questões médicas problemas que são de outra ordem, isto é, problemas de natureza diversa, porém, apresentados como 'doenças', 'transtornos', ou 'distúrbios' que escamoteiam as grandes questões políticas, sociais, culturais, afetivas que afligem a vida das pessoas. Questões coletivas são tomadas como individuais, problemas sociais e políticos são tornados biológicos, sendo que o espaço escolar tem se constituído em um campo fértil para a proliferação dessas questões, com um alto número de escolares utilizando diferentes tipos de medicamentos para resolver problemas de comportamento e aprendizagem.

Os "distúrbios neurológicos" destacam-se entre as principais causas de diagnósticos de crianças com problemas de aprendizagem e/ou de comportamento como o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), o TOD (Transtorno Desafiador Opositivo) e o Transtorno de Conduta, sendo o TDAH o transtorno com o maior índice de prevalência (KAMERS, 2013).

A Psicologia Histórico-cultural compreende que o desenvolvimento do psiquismo não é apenas o resultado do amadurecimento orgânico, o desenvolvimento das funções tipicamente humanas, como por exemplo linguagem e atenção voluntária (em que se concentra os critérios diagnósticos de TDAH) são constituídas historicamente, nas interações humanas, por meio de mediações. Portanto, deve-se compreender as questões relacionadas ao processo de escolarização de crianças que não se apropriam do conhecimento a partir o processo de ensino e aprendizagem, nas multideterminações e não individualizar o problema e medicalizá-lo.

Para entender o fenômeno da medicalização, se faz primordial conhecer o processo histórico que perpassa e naturaliza essa forma biologizante da compreensão das dificuldades de escolarização.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho é uma revisão narrativa. De acordo com Rother (2007), trabalhos de revisão narrativa são publicações amplas apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, a partir de um ponto de vista teórico ou conceitual e se constituem da análise da literatura científica na interpretação e análise crítica do autor.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa histórica revela que as ideias atualmente em vigor, foram alicerçadas aos embates sofridos pela sociedade no decorrer do processo histórico de desenvolvimento da sociedade no molde capitalista de produção. Segundo estudos feitos por Pessotti (1975 *apud* Patto, 2015), no Brasil a psicologia nasceu no meio médico. Os primeiros cursos de Psicologia foram realizados nas faculdades de Medicina e as aulas ministradas por médicos. Com o Movimento Internacional de Higiene Mental, no começo do século XX, muitos dos médicos que atendiam como psicólogos passaram a dar assistência aos departamentos escolares em secretarias de educação, coordenando equipes multidisciplinares de atendimento escolar. Assim, a medicina e a psicologia estiveram atreladas a pedagogia, a fim de explicar as causas do fracasso escolar.

Nas análises de Spazziani (2001, p. 42), já no final do século XX, verifica-se o espaço ocupado pela Medicina em torno da sociedade brasileira “[...] é considerada fundamental, a partir de então, em qualquer meio ou grupo social, formando uma rede e exercendo uma vigilância constante sobre os modos e costumes do homem comum”.

Nos discursos dos intelectuais brasileiros daquele período, nota-se a defesa da escola para todos para a melhoria das condições sociais vigentes. No entanto, havia um grande contingente de pobres nos centros urbanos, e o discurso promovido era de que a miséria seria contida quando a escola promovesse a reconstrução do indivíduo, para o avanço da sociedade (SPAZZIANI, 2001).

Nesse sentido, a prática médica atrelada à compreensão das dificuldades do indivíduo, de natureza biológica e física, seria fundamental para “[...] organizar e definir os papeis que deveriam desempenhar os indivíduos das diferentes camadas sociais [...]”. Assim, “medicaliza-se a sociedade, isto é, os problemas sociais passam a ser um problema médico” (SPAZZIANI, 2001, p. 44).

Nas observações feitas pelas pesquisadoras Akemi, Tessaro e Leal (2017), diante dos desafios encontrados pela escola, como a indisciplina, a violência, a dificuldade de aprendizagem, ainda se busca as repostas para o enfrentamento desses problemas em causas puramente biológicas, o que permite a forte presença, nos dias atuais, da medicina no espaço escolar. Esse fato explica o alto índice de alunos utilizando medicamentos para resolução dos diferentes problemas na escola. Para as pesquisadoras esse fato é bastante questionável, pois caberia aos profissionais da educação atender os problemas relacionados à escola, não sendo a função do médico, especialmente a do neurologista, atender as demandas escolares, como se observa atualmente.

A queixa escolar tem sido objeto de preocupação e tema para diversas pesquisas ao longo dos anos, devido à demanda de alunos que são encaminhados para os profissionais de saúde por apresentarem problemas de aprendizagem e distúrbios de comportamento no âmbito escolar. As psicólogas Leal e Souza (2014, p. 19), afirmam que a queixa escolar precisa ser compreendida como

> [...]um movimento que faz parte do cotidiano da escola e que encerra as dificuldades e contradições que compõem esse cotidiano, transparecendo insatisfação, negação, resistência, preconceitos, paralisação, estereótipos, frustração, cansaço e tantos outros aspectos.

Esse olhar amplo, do todo completo, permite a compreensão da queixa não apenas como responsabilidade do indivíduo, mas da real circunstância dos fatores que originaram o problema. Diante disso, não se busca um culpado, mas as causas do conflito.

> A adesão a esse modelo psicologizante ou medicalizante de atendimento à queixa escolar reflete uma visão de mundo que explica a realidade a partir das estruturas psíquicas, negando a influência das relações institucionais e sociais sobre o psiquismo (LEAL; SOUZA, 2014, p. 25).

Faz-se necessário refletir de modo crítico acerca da queixa escolar, buscando as origens que constituíram as concepções divulgadas tão amplamente como fracasso escolar, problemas de aprendizagem, distúrbios de aprendizagem, e tantos outros nomes dados, sem, contudo, analisar o contexto social, econômico, político na qual a escola está inserida. Os determinantes advindos das classes sociais antagônicas promovem os conflitos, que são justificados ou negados para obscurecer a realidade de dominação da ordem capitalista.

Para o médico José Augusto Barros (1983), o destaque do uso abusivo de medicamentos, não pode passar despercebido pela sociedade brasileira. A sociedade capitalista, amplamente consumista, propõe o consumo exagerado de seus diversos produtos, entre os quais estão os remédios.

> Como qualquer setor empresarial, interessa à indústria farmacêutica estimular o máximo consumo. Em termos puramente mercadológicos, nos setores de produção e comercialização de medicamentos, interessa a ocorrência de um máximo de tratamentos, ou seja, de "medicalização" (esta inclui a "prescrição medicamentosa", indo, no entanto, mais longe para abranger a colocação sob a alçada da medicina de "situações" ou "problemas" que têm origem na estrutura de classes da sociedade) (BARROS, 1983, p. 378, aspas do autor).

Nas pesquisas de Suzuki, Leonardo e Leal (2017, p. 44), "O Brasil é o segundo país que mais vende Ritalina[1] (muito utilizado para resolver problemas de comportamento em escolares), ficando atrás somente dos Estados Unidos". Esses dados revelam o quanto o remédio tem se tornado "[...] um recurso pedagógico, utilizado como via para concretizar a apropriação do conhecimento pelos escolares" (SUZUKI; LEONARDO; LEAL, 2017, p. 44).

Na perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento é um processo constituído por dois momentos fundamentais – o natural e o cultural -, que se relacionam dialeticamente, sendo que as funções biológicas são modificadas a partir das relações sociais por meio da integração do indivíduo no meio sociocultural (LEONARDO; LEAL; FRANCO, 2017). As autoras ainda ressaltam que é a partir da apropriação do meio sociocultural que se desenvolve, modificando suas funções psíquicas e construindo novos níveis de comportamentos. Nesse processo, o papel da escolarização, bem orientado e organizado, contribui sobremaneira para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, tendo o professor quanto principal mediador entre o que foi produzido anteriormente pela humanidade que se materializa nos conteúdos escolares e nas formas de raciocínio envolvidas para compreende-las (LEONARDO; LEAL; FRANCO, 2017). Portanto, levando em consideração o exposto, sob o referencial da Psicologia Histórico-Cultural, os professores que desempenharem seu papel como mediadores efetivos, seriam uma alternativa/solução à medicalização. Desse modo, antes de se prescrever um medicamento de uso controlado, que além de não ajudar na construção das funções psicológicas superiores e trazer efeitos colaterais e psíquicos, faz-se necessário avaliar todas as

[1] "Nome comercial do medicamento Metilfenidato, muito utilizado nos diagnósticos de TDAH-Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – (SUZUKI; LEONARDO; LEAL, 2017, p. 44).

possibilidades educativas, buscando-se métodos que favoreçam a superação das dificuldades da criança, pois o trabalho dirigido do professor, que objetiva o desenvolvimento das funções psicológicas superiores pode não somente diminuir o número de crianças medicadas por transtornos de aprendizagem, mas também colaborar para o aumento da qualidade da educação (TULESKI; CHAVES, 2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender o fenômeno da medicalização faz-se necessário compreender o processo histórico desse processo, para enfrentar esse processo biologicista, fragmentado, de diagnosticar e medicar as crianças, se faz necessário a indicação de uma alternativa, que é a efetiva escolarização. Esse enfrentamento é possível ao pensarmos à luz dos pressupostos da Psicologia Histórico-cultural, pelo fato de que a educação escolar, de acordo com Vygotsky (1995), ser a principal responsável na promoção do desenvolvimento psíquico infantil. No entanto, exige-se uma educação através de um ensino organizado e sistematizado com em conteúdos teóricos em conhecimentos científicos para que ocorra o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Dessa forma, portanto, entende-se que não seria por meio do uso de medicamentos que possuem ação no sistema nervoso central a solução para o desenvolvimento do psiquismo, pois o biologicismo não contempla as multideterminações socioculturais que a criança está exposta. Conclui-se que além de não ajudar no processo de ensino e aprendizagem, no desenvolvimento humano, a medicalização pode causar dependência física e/ou psíquica.

REFERÊNCIAS

BARROCO, S. M. S.; FACCI, M. G. D.; MORAES, R. J. S. **Posicionamento da Psicologia ante o crescimento da medicalização**: considerações educacionais. In: LEONARDO, N. S. T.; LEAL, Z. F. R. G.; FRANCO, A. F. (Orgs.). Medicalização da educação e Psicologia Histórico-Cultural: em defesa da emancipação humana. Maringá: EDUEM, 2017.

BARROS, J. A. C. **Estratégias mercadológicas da indústria farmacêutica e o consumo de medicamentos**. Revista Saúde Pública, São Paulo, n. 17, p. 377-386, 1983.
KAMERS, M. A fabricação da loucura na infância: psiquiatrização do discurso e medicalização da criança. **Estilos da Clínica** (USP), São Paulo, vol.18, n.1, jan./abr. p. 153 -165, 2013.

LEAL, Z. F. R. G.; SOUZA, M. P. R. **O processo de escolarização e a produção da queixa escolar** – uma relação antiga, um problema atual. Maringá: EDUEM, 2014.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Intermeios, 2015.

SPAZZIANI, M. L. **A saúde pública na escola**: da medicalização à perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Revista Educação Temática Digital, Campinas, v. 3, n. 1, p. 41-62, 2001.

SUZUKI, M. A.; LEONARDO, N. S. T.; LEAL, Z. F. R. G. **A medicalização da educação**: reflexões para a compreensão e enfrentamento desse fenômeno. Maringá: EDUEM, 2017.

VYGOTSKI, L. S. **Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores**. In: Obras Escogidas (Tomo III). Madri: Visor y Ministério de Educación y Ciencia, 1995.